

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO
SUPERIOR**

VANESSA MELLO CARDOSO

**A ESCRITA ACADÊMICA: AVANÇOS E DIFICULDADES
CONSIDERANDO A VARIÁVEL GÊNERO**

CRICIÚMA, MARÇO DE 2012

VANESSA MELLO CARDOSO

**A ESCRITA ACADÊMICA: AVANÇOS E DIFICULDADES
CONSIDERANDO A VARIÁVEL GÊNERO**

Monografia apresentada à Coordenação de Pós-graduação *lato sensu* da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, para a obtenção do título de especialista em Docência do Ensino Superior.

Orientadora: Prof .^a Dra. Angela Cristina Di Palma Back.

CRICIÚMA, MARÇO DE 2012

À Débora Mabel Sônego Búrigo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, pela minha existência. À Universidade em geral, ao corpo docente do Curso de Docência do Ensino Superior, em especial, às Professoras Angela Cristina di Palma Back (orientadora) e Rosane Aléssio Dal Toé (professora de Monografia), pela mediação. Colegas deste curso, que foram fundamentais para que este trabalho se consolidasse. Aos entrevistados e coordenadores, pela colaboração com as experiências.

Aos colegas e toda equipe pedagógica de instituições educativas anteriores ao Curso e à Universidade. Esses ambientes são parte de minha educação, um processo ininterrupto. A todos os indivíduos que, de alguma maneira, fizeram parte de meu desenvolvimento.

**Quem disse que uma mulher não pode fazer
isso?**

Isis Valverde

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a forma pela qual a educação das mulheres no século XIX reflete-se no desenvolvimento das educadoras, focalizando, para isso, a escrita acadêmica que se manifesta na atualidade e que será tomada como *corpus* para esta investigação no contexto da universidade. Esta monografia inspira-se no tipo de educação recebido pelas mulheres no século XIX. A presente pesquisa se valeu das abordagens quantitativa e qualitativa do tipo exploratória ao comparar as leituras feitas com as entrevistas e textos de acadêmicos da sétima fase dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais e Letras. Com vistas a mapear a cultura feminina que foi sendo internalizada historicamente, investigou-se por meio de perguntas que pudessem evidenciar a dedicação de homens e mulheres aos seus respectivos cursos em se tratando do exercício da escrita, seja por meio de trabalhos em nível de graduação (ensino) ou pela participação na pesquisa.

Palavras-chave: Escrita. Gênero. Licenciatura. Letras. Artes visuais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 INICIANDO A PESQUISA: SINTETIZANDO PRODUÇÕES ANTERIORES.....	13
3 FOCALIZANDO A PESQUISA: FUNDAMENTÁ-LA COM A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, LINGUAGEM E LETRAMENTO.....	17
4 PRODUZINDO SOB A REALIDADE DA REGIÃO	20
4.1 Curso de Letras	21
4.2 Curso de Artes Visuais	24
5 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE: QUESTIONÁRIO PARA OS ENTREVISTADOS	29
ANEXOS	32
1 TEXTOS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE LETRAS	32
2 TEXTOS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE ARTES VISUAIS	45

1 INTRODUÇÃO

O gênero já foi o ponto de partida do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Na oportunidade, com o seguinte problema, dialeticamente, produzi meu objeto a ser pesquisado:

Que semelhanças ou diferenças há entre a escolha das educadoras no século XIX e XX pelo magistério?

Eu tinha o motivo das mulheres: a opção pela carreira docente - eixo de pesquisa em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Essa busca, em virtude de eu questionar, antes da graduação, as diferenças sociais entre homens e mulheres, iniciou: “Por que menino não pode brincar de bonecas? Por que são as mulheres quem têm que cuidar da casa? Por quê?” Esses e outros tantos porquês me inquietavam.

Na faculdade de Pedagogia, por meio de um debate, as questões anteriores passaram a me serem suscitadas, gradualmente. Tal discussão ocorreu na disciplina de Fundamentos e Metodologia da História.

Escutava as falas de colegas casadas sobre suas rotinas em comparação as dos respectivos maridos. Desde aqueles tempos, tento repensar, de maneira científica, social, cultural, sobre meus conceitos de homem e mulher, que se constituíram ao longo do tempo junto à sociedade, na qual seres humanos são formadores uns dos outros. A explicação científica para o atual estado de coisas não pode prescindir do olhar histórico e cultural que permeiam as sociedades. Pois, muito embora sejamos capazes de questionamento dos valores de nosso meio, em nós, faz-se presentes esses mesmos valores sobre os quais estamos constantemente nos indagando, que, paradoxalmente, temos em nós impregnados, simplesmente porque somos seres socio-históricos.

Escrevo esta monografia sob o entendimento das relações de gênero como eixo fundamental de exploração que se manifesta na sociedade. Ainda que existam pesquisas nesse assunto, como citamos na seção a seguir, o enfoque dessa é outro: deseja-se saber como as relações sociais, que se constituíram, refletiram-se ou refletem-se junto à formação acadêmica (focalizando a escrita) das mulheres.

Para articular o Gênero com a aprendizagem da escrita acadêmica, visamos, a partir do TCC, desenvolver a monografia. A correlação se dará com vistas a problematizar o acesso às práticas de linguagem pelas mulheres. A relação entre essa condição social e o desenvolvimento dos textos universitários é nossa questão central.

Historicamente, o acesso ao Curso Normal e à condição de docentes é tido como um avanço social, historicamente construído, pela e para as mulheres. Apesar de o magistério feminino significar uma extensão do lar, houve épocas nas quais nem a leitura as meninas aprendiam.

O processo de busca pela igualdade de direitos e deveres não terminou. O estudo da aprendizagem das pessoas é um meio de valorização da profissão docente. Há muito se a tem como um trabalho de segunda classe, mesmo que ela tenha de, com diversos perfis, lidar. Só esse aspecto só daria uma outra monografia, de modo que não entraremos nesse mérito.

As instituições educativas são parte do desenvolvimento de homens e mulheres e suas realidades respectivas. Educadores, educandos, bem como todos os envolvidos no ambiente educacional são formados uns pelos outros.

Acadêmicos dos Cursos de Artes Visuais e Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Unesc, contribuirão para o estudo, como participantes, para esboçar impressões calcadas nas suas experiências. Nesse contexto, foram entrevistados aqueles que, na sétima fase, encontravam-se. Suas respostas permitiram a análise das mudanças e permanências relativas às diferenças de gênero na escrita no século XIX. O próximo capítulo consiste na retomada de outras produções frente ao conteúdo. No seguinte, para ampliar os estudos sobre a realidade regional, têm-se as entrevistas e, anexos, estão os textos dos estudantes.

2 INICIANDO A PESQUISA: SINTETIZANDO PRODUÇÕES ANTERIORES

Para iniciar a abordagem, selecionou-se, conforme os objetivos deste trabalho, a discussão de Schmidt (2006), segundo a qual a desvalorização do feminismo, nos meios com alto grau de letramento, é comprovação fundamental da autora. Apesar dos conhecimentos científicos das pessoas desse meio, nesses contextos, continua-se com a visão difundida, popularmente, quanto ao modo de não atribuir o devido valor ao gênero feminino em detrimento de sua formação. Enquanto o feminismo significa o movimento de luta pela equiparação de direitos e deveres entre homens e mulheres, o jornalismo caracteriza essa política como um meio de destituição de homens e mulheres das características de cada um.

A título de exemplo como essa realidade se manifesta sócio-historicamente, podemos mencionar o fato de o ingresso de mulheres na escrita literária ter gerado injúrias aos textos delas. Em se tratando de práticas de linguagem, mais especificamente a de produção, Montenegro (1953, p. 273 *apud* SCHIMIDT, 2006, p. 776), que escreveu nos anos 30, ironizou as mulheres ao afirmar:

Vamos ser positivos: a literatura de ficção, de autoria feminina, entre nós, tem sido quase sempre de um calete fraco. Sentimental e pueril. E quando aparece com uns estremecimentos maiores de emoção, no fundo é histerismo. A exaltação não é da imaginação; é do desejo. São autoras mais fiéis ao sexo do que à literatura. Entretanto não é a literatura o melhor derivativo para o sexo, nem o mais são. Seria a maternidade bem compreendida e bem aproveitada.

Escritos brasileiros sobre a história da literatura não citam o feminismo literário. Além das feministas, as produções sobre esse movimento, em termos de conhecimento, são alheias a maioria das pessoas.

Para fortalecer a pesquisa, Leta (2003), sobre “As mulheres na ciência brasileira”, afirma que, na metade do século XX, as mulheres começaram a participar de atividades científicas. A necessidade dos recursos humanos proporcionou maior acesso feminino ao desenvolvimento profissional. No entanto, com relação ao sucesso na carreira, as oportunidades de pessoas desse sexo são reduzidas.

Para ilustrar, Leta (2003) ilustra: concessão de bolsas de produtividade e a participação em cargos administrativos na Universidade Federal do Rio de Janeiro

mostram os contrastes do avanço feminino na ciência. Dados indicam que, em 2003, 43,7% dos docentes dessa instituição eram mulheres, porém 24% ocupavam cargos administrativos. O Centro de Letras e o de Artes não se diferenciam nessa situação – embora sejam ambientes em que a maioria são profissionais do sexo feminino. Nessa pesquisa, apresenta-se que, para iniciação científica e mestrados, têm-se mais mulheres bolsistas. Em doutorados e produtividades de pesquisa, são os homens que se destacam. Leta (2003) salientou que, na Academia Brasileira de Ciências, dentre os acadêmicos titulares de 2003, menos de 10% da totalidade de cadeiras eram ocupadas por mulheres.

Cardoso (2008) desenvolveu um estudo sobre o processo de feminização do magistério. Nesse desenvolvimento profissional das mulheres, embora houvesse conquistas, de cunho mercadológico, existia uma extensão do lar. As moças foram para as salas de aula como substitutas da mão de obra masculina. Com o direcionamento dos homens às fábricas, alguém precisava, nas escolas, substituí-los.

Segundo Cardoso (2008), no século XIX, o magistério foi um espaço disputado entre mulheres e homens, os quais não queriam dividir a posição de docentes com elas. O ato de educar foi mais uma conquista delas na busca da igualdade de direitos para com os homens. Todavia, em virtude de as moças terem um salário inferior aos moços mesmo no magistério, as diferenças entre ambos continuam. A esse respeito, cita-se que...

[...] a inserção profissional das mulheres no magistério não foi aceita tranqüilamente [SIC] pelos homens que exerciam a profissão porque isso significava a perda de um espaço profissional [...] Na primeira metade do século XX, o magistério primário no Brasil sofreu um processo de feminização tanto na freqüência das Escolas Normais pelas moças como pela ocupação do magistério pelas mulheres (ALMEIDA, 1998, p. 64-65 *apud* CARDOSO, 2010. p.17).

Louro (1997 *apud* Cardoso, 2008) caracterizou o movimento feminista como o início das reflexões sobre as diferenças de gênero. Esse movimento, que aconteceu nos anos 60, oficialmente, ocorreu em vários momentos da história. O feminismo teve impedimento de continuidade diversas vezes e por motivos específicos de cada época. Entretanto, não se desistiu de superar os modelos, aos homens e mulheres, impostos.

O gênero é a transformação do movimento feminista na análise intelectual

de suas temáticas. Em 1960, as feministas exigiram que a história das mulheres fosse, pela historiografia, retratada. A ampliação do campo de questões e o surgimento de contradições e dos intelectuais afastaram o tema da política. Essa mudança, que foi iniciada nos anos 70, definiu-se na década de 80 (TORRÃO FILHO, 2005).

Entender todo esse processo ao longo da história se faz necessário na medida em que as abordagens do gênero para investigação se tornam relevantes para a compreensão do desenvolvimento das relações culturais. Segundo Scott (1990 *apud* TORRÃO FILHO, 2005), essas abordagens encarregam a história de libertar o sexo masculino, assim como o feminino dos limites sociais. Essa pesquisa se justifica, ainda com diferenças biológicas entre os sexos, por poderem explicar, pelo menos um pouco, as causas das desigualdades sociais. Tais controles de papéis afetam homens e mulheres com características culturais “do sexo oposto”. Uma vez que, nessa história, em função da cultura, homens se rebaixam a condição de mulher e essa exerce a masculinidade sem ter meios.

Para justificar este trabalho, voltado para examinar se existem diferenças na escrita acadêmica masculina e feminina, utilizam-se estudos de gênero. Esses estudos iniciaram na segunda metade do século XX. Para Scott (1990. p. 05 *apud* TORRÃO FILHO, 2005. p. 129), tal linha de pesquisa...

[...] pode lançar luz sobre a história das mulheres, mas também a dos homens, das relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e igualmente das mulheres entre si, além de propiciar um campo fértil de análise das desigualdades e hierarquias sociais.

Essa história investigada pode lançar luz às pesquisas sobre acesso ao letramento no que diz respeito ao gênero. Em termos de diferenças e semelhanças entre homens e mulheres, pesquisou-se: Qual (is) a(s) a(s) comparação(ões) entre eles na escrita? No trabalho de Mira (2005), localizou-se a informação de que, no século XVIII, as mulheres começaram a ler romances. As pessoas europeias do sexo feminino receberam a permissão para a leitura. Para os indivíduos masculinos, colocava-se, para que fosse formada sua identidade, o erotismo. As moças liam histórias melodramáticas para direcionamentos desses seres humanos ao casamento.

Para reforçar a pesquisa anterior, cita-se que, na escrita, conforme Mindlin (2001-2002), as mulheres tinham a vida pessoal como assunto. Encontrou-se desejo feminino pelo registro da própria vida na abordagem da autora. Descrevendo a carreira de Anaïs Nin, afirmou-se que esta, por escrito, reelaborava tais anotações várias vezes. A pesquisa salienta que a...

[...] a fama chegou tarde na vida de Anais, uma de suas grandes dores, pois enquanto os seus amigos de juventude se transformaram em mitos – Miller e Durrell, por exemplo – ela era mais procurada por sua intimidade com eles e teve grande dificuldade em ser publicada. A energia de sua dedicação à escrita só foi igualada pela intensidade do desejo sexual – que voracidade! (Mindlin, 2001-2002. p. 174).

3 FOCALIZANDO A PESQUISA: FUNDAMENTÁ-LA COM A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, LINGUAGEM E LETRAMENTO

Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (SECRETARIA da Educação Básica, 2006), destacam-se os estudos sobre o processo de aquisição da linguagem, assim como os que tratam de práticas sociais de produção e recepção de texto. A concepção de linguagem interacionista norteia a discussão em virtude da presença das articulações sociais na produção do texto. Nesse documento, aproximam-se estudiosos que buscam conhecer os fundamentos biológicos, bem como os pesquisadores da relação entre sociedade e funcionamento dos sistemas semióticos. Esses estudos do processo de aprendizagem e funcionamento da língua e da linguagem afirmam a influência entre processos cognitivos e sociais.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (SECRETARIA da Educação Básica, 2006), como as experiências dos indivíduos se situam numa sociedade e num tempo histórico, as atividades em que usam a língua e a linguagem são marcadas pelo contexto social e pela história. Essa relação do texto com o ambiente e o legado cultural não elimina a capacidade humana de resignificação das informações.

PCN+ Ensino Médio: orientações curriculares complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002) reforça o documento anterior com a defesa da formação humana e social das pessoas, proposta pela Unesco. Para praticar essa proposta, encararam-se os conhecimentos como instrumentos para a transformação da realidade. É oportuna a relação dos fatos e conceitos com seus respectivos contextos para aquisição não passiva desses conhecimentos. Por meio da compreensão do que os estudantes fazem quanto ao legado cultural, ao se fazer referência à sociedade e à cultura, as letras, as ciências e as tecnologias recebem sentido.

Desenvolveu-se, em PCN+ Ensino Médio: orientações curriculares complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002), um capítulo cujo título é “Área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias”. O eixo dessa área enfatiza a aquisição e o desenvolvimento de representação e comunicação por meio dos manejos dos sistemas simbólicos e decodificação deles. Analisaram-se as linguagens de cada disciplina e a faculdade humana de

compreensão e uso da capacidade de comunicação de forma articulada. Extrapolase a compreensão dos conteúdos curriculares de cada disciplina, interdisciplinarmente, e aprofunda-se na compreensão do conceito de linguagem.

A Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2005) salienta o exercício de práticas sociais de leitura e escrita nos diversos contextos. Por isso, o que as pessoas que passam pelas instituições educativas fazem com a escrita, o letramento, ganha espaço. Defende-se a alfabetização como elemento essencial do letramento na orientação do indivíduo na aprendizagem do código escrito. Nessa perspectiva, alfabetizar e letrar são processos inseparáveis na internalização de diferentes linguagens, assim como, na inserção das pessoas na cultura escrita.

Salienta-se (SANTA CATARINA, 2005. p. 28) que ...

O processo de aquisição da escrita [...] acontece, normalmente, por meio da escolarização indispensável e fundamental a todo cidadão. Já o processo de letramento se efetiva ao longo da vida das pessoas, com crescente participação nas práticas sociais, nas quais circulam diferentes gêneros discursivos.

O letramento (CASAGRANDE, 2006) consiste na apropriação da importância da escrita para a socialização das pessoas. Por essa razão, o indivíduo que é letrado não, necessariamente, já passou pelo processo de alfabetização. A aquisição do letramento é feita por graus. Para reforçar esse parágrafo, citam-se as palavras de Soares (2003), segundo as quais, letramento envolve o desenvolvimento de habilidades e valorização do uso da leitura e da escrita em práticas sociais.

Produziu-se, com o pressuposto de fundamentar a análise do capítulo seguinte, essa passagem pelo conceito de língua, linguagem e letramento. Trata-se de responder se as mulheres têm avanços ou permanências de suas dificuldades de acesso ao desenvolvimento da escrita.

Articulando este capítulo com o anterior, afirma-se que as dificuldades permanecem, principalmente, pelo número de homens nos doutorados e nas produções científicas. Nesses documentos, são aprofundados os conhecimentos dos trabalhos científicos que, desde a graduação, são feitos. O avanço está no fato de ser a maioria das mulheres participantes de mestrados e bolsas de iniciação científica. Todas essas produções são práticas de letramento, porém, nas primeiras,

tem-se um grau maior do que as últimas. Produzir trabalhos científicos se trata da continuidade e amplitude das relações com a academia.

4 PRODUZINDO SOB A REALIDADE DA REGIÃO

Temos que nos remeter ao percurso dado para a realização deste trabalho. Para os coordenadores dos cursos estudados, solicitamos agendamento de horário, o que nos permitiu contato com os acadêmicos. No curso de Letras, todos os educandos responderam. Além de entrevistas, também, recolheram-se textos com a escrita acadêmica, que ou foram enviados por e-mail ou outros buscaram-se no recolhidos no ambiente de estudo. Minayo (2002. p. 17 *apud* CARDOSO, 2007, p. 15) salientou que...

O método, dizia o historicista Dilthey (1956), é necessário por causa de nossa “mediocridade”, como não somos gênios, precisamos de parâmetros para caminhar no conhecimento. Porém, a criatividade é nossa “giffe” em qualquer trabalho de investigação.

Tendo-se o método de procedimento histórico com a metodologia de abordagem dialética, considerou-se que os indivíduos recebem intervenções de sua época e das anteriores, mas, também, são capazes de transformá-las. A análise incluiu as experiências profissionais de acadêmicos da Unesc que estão em formação junto aos cursos de Licenciatura: Artes e Letras. As relações sociais são o meio para a aprendizagem e sua proporção ao desenvolvimento do sujeito. Dos cursos de Artes e Letras, foram entrevistados três estudantes homens e três mulheres, além da análise de textos destes, totalizando 12 informantes.

A contextualização da pesquisa consistiu no ponto principal do trabalho. Dessa forma, ao se desenvolver as abordagens quantitativa e qualitativa, consequentemente, seu tipo foi exploratório.

O tipo exploratório de pesquisa tem, por tornar o problema mais explícito, como objetivo, desenvolver maior familiaridade do leitor com o foco de estudo (RABELO, 2007). Cardoso (2008) articulou entrevistas com um levantamento bibliográfico sobre a temática.

Afirma-se que a pesquisa é quantitativa e qualitativa, pois, em relação aos dados, priorizou-se realizar análises sobre suas porcentagens. As respostas receberam fundamentos históricos e científicos por intermédio da leitura de materiais acadêmicos produzidos.

Segundo Rabelo (2007), quanto aos procedimentos técnicos, se a pesquisa

for bibliográfica, trabalha-se com base em textos científicos que já foram elaborados. “Não é aconselhável que textos retirados da *Internet* constituam o arcabouço teórico do trabalho monográfico.” (RABELO, 2007. p. 05).

Rabelo (2007) afirma que a metodologia de abordagem dialética parte da possibilidade de transformação dos fenômenos. Nesse método, investiga-se a partir de que, na sociedade e na natureza, acontecem mudanças. Acreditando em que, no desenvolvimento dos fenômenos, tem-se o passado como origem, utilizou-se o método de procedimento histórico. Segundo Rabelo (2007, p. 14), nesse contexto, pesquisam-se “suas raízes para compreender sua natureza e função.”

Nos procedimentos técnicos, tiveram-se a leitura de artigos e livros científicos, assim como foi feita a análise da realidade específica. As entrevistas e os textos dos acadêmicos aparecem como aprofundamento dos conhecimentos elaborados antes da pesquisa. No estudo de parte da realidade atual, ao entrevistar os acadêmicos, bem como ler seus textos, focalizou-se esse trabalho. Leram-se materiais já produzidos para fundamentação desse estudo. Segundo Furlan (1989, p. 121), ...

O leitor, ao se dirigir ao texto, está preocupado em encontrar pistas que o auxiliem no desenvolvimento de sua realidade. E, somente, neste encontro histórico onde experiências diferentes se defrontam, que é possível a compreensão dos textos.

Para iniciar a investigação sobre a realidade em estudo, perguntaram-se, aos entrevistados, seus dados pessoais. Optou-se pela não citação das seguintes informações para sigilo da identidade dos informantes: Nome: Data de nascimento, Endereço para podermos entrar em contato, Rua, Número, Município, Telefone e e-mail.

4.1 Curso de Letras

As perguntas seguintes, constante do instrumento de entrevista, a exemplo de: “Você é estudante regular? Por quê?” Com essa pergunta, aprofundou-se a discussão.

As mulheres estudantes de Letras responderam “Sim, por que consegui

suficiência em todas as disciplinas e por que moro longe e estender a duração ficaria mais cansativo.”, “Sim. (Não justificou)” e “Não, reprovei em Linguística I e III”. Os homens desse curso responderam “Não pois decidi trancar algumas disciplinas pois minha grade é muito extensa”, “Sim. (Não justificou)”, “Irregular, pois perdi a bolsa que possuía por causa de algumas reprovações.” Nessa questão, percebe-se que, nas mulheres, está a tendência a desenvolver o curso de maneira regular. Essa questão apresenta um avanço no curso, a qual foi utilizada para conhecer os entrevistados.

Depois de se perguntar aos entrevistados de Letras “Já participou ou participa de trabalhos de Extensão e/ou de grupos de pesquisa?”, uma mulher respondeu “Não pelo fato de morar longe e precisar trabalhar para pagar estudos, transportes entre outras despesas.”, outra “Não” e outra deixou a questão em branco, mas a resposta da próxima questão mostra que não. Os homens disseram, respectivamente. “Não”, “Sim. Projeto PIBIC vinculado ao Grupo Littera.” e “SIM”. Ao analisar essa realidade, conclui-se que, mais do que as mulheres, os homens participam desses projetos. Essa resposta se diferencia das respostas alcançadas por Leta (2003) na pesquisa citada no primeiro capítulo. Talvez, isso já justifique que possamos avançar, futuramente, no aumento de uma amostra maior, sobretudo considerando o fator tempo, pois pode ser que de 2003 para 2011, já tenhamos resultados diferenciados.

Sobre o interesse em participar de grupos de extensão ou de pesquisa, caso não tenham participado, a entrevistada um de Letras respondeu “Não pelo fato de morar longe e, precisar trabalhar para pagar estudos, transportes entre outras despesas.”, a entrevistada dois não respondeu e a três “Cheguei a frequentar um encontro do Littera, mas não continuei, pois comecei a trabalhar em período integral”. O entrevistado um desse curso respondeu “Sim, mas a disponibilidade de tempo é mínima” e os demais atribuíram “sim” à questão anterior. Dos entrevistados que, negativamente, responderam à questão anterior, apenas um homem afirmou o desejo de participar de um grupo. Percebe-se uma diferença entre sujeitos do sexo masculino e feminino nessa questão. Nesse contexto, encontra-se, além da diferença com relação à fundamentação teórica, uma maior dificuldade feminina de acesso a situações que proporcionem maior contato com o letramento universitário.

À questão “Cursos que contribuíram e/ou contribuem para sua formação acadêmica”, receberam-se as seguintes respostas das mulheres do curso de Letras:

“Pretendo estudar Inglês para conversação e mestrado embora não saiba a área.”; “Cursos de formação continuada para professores fornecidos pela prefeitura municipal de Forquilha.”; Não respondeu. Os entrevistados um e dois do curso de Letras não responderam e o três colocou: “No momento não participo de nenhum curso extra-academia” Solicitavam-se os cursos do presente e do pretérito dos estudantes. Então, pode-se analisar que, nas mulheres, encontrou-se um dado de melhor interpretação da pergunta.

A antepenúltima questão foi: “Quais foram as suas últimas leituras?” cujas respostas, no curso de Letras, são: Entrevistada A: “Literatura Brasileira (Grande Sertão Veredas, Macunaíma, Memórias de um Sargento de Milícias), Literatura Portuguesa (história do cerco de Lisboa), Literatura Inglesa e Norte Americana (Shakespeare, C.S Lewis -Crônicas de Nárnia), Literatura Infante Juvenil (vários)”;

Entrevistada B: “Orientações Curriculares, Leituras de romances literários”;

Entrevistada C: “Jornais”;

Entrevistado A: “Livros do modernismo brasileiro”;

Entrevistado B: “Otelo e Macbeth, de Shakespeare.”;

Entrevistado C: “O que é cinema?” de Jean-Claude Bernadet. “O processo” de Kafka. “O muro” de Sartre.”

Nesse contexto, com um maior número de leituras, as mulheres apresentam maior probabilidade de dedicação ao exercício da escrita.

A penúltima questão foi “Quais são as leituras de sua preferência?”. No curso de Letras, as estudantes responderam: “Romances da autora Nora Roberts”; “Romances literários.”; “Jornais e entretenimento”. Os estudantes desse curso atribuíram as seguintes respostas: “Literatura cristã e infante-juvenil”; “Literatura, poesia, educação, Língua Portuguesa, Inglesa e suas Literaturas”; “Literatura brasileira e inglesa.” Os homens apresentam uma lista mais ampla de preferências de leituras. Nesse caso, eles apresentam uma probabilidade maior de dedicação ao ato de escrever.

A última questão “Quais as leituras que você faz em função de sua formação acadêmica?” retoma o objetivo principal desse projeto. No curso de Letras, as acadêmicas responderam: “Livros na área da Linguística para Língua Portuguesa e Língua Inglesa, documentos do governo (PCNs, PC SC, PPPs...) artigos sobre o ensino de língua estrangeira e língua materna, entre outros.”; “Leituras focadas na orientação e preparação para o ensino de línguas.”; “Livros de língua inglesa e portuguesa”. Os acadêmicos desse curso afirmaram “Faço apenas as solicitadas, que não são poucas, em geral, abordam tudo o que geralmente se lê num curso de

Letras, mas com pouca Literatura.”; “Documentos oficiais e livros sobre o ensino de língua materna, inglesa e de suas literaturas nos ensinos médio e fundamental.”; “Livros sobre educação, sobre linguagem cinematográfica, literatura e sobre infância. Os entrevistados apresentam mais referências do que as entrevistadas.

4.2 Curso de Artes Visuais

À pergunta “Você é estudante regular?”, as mulheres do curso de Artes Visuais responderam “Sim, regular. (Não justificou.)”, “Irregular. Mudei de habilitação na 3.^a fase.” e “Sim. Nunca obtive problemas com a grade, tempo...”. Obteve-se dos homens as seguintes respostas “Sim. Porque sempre levei os estudos a sério e não havendo reprovação.”, “Sim. (Não justificou.)” e “Não, Transferência de Curso”. Nesse curso, conseguiram-se encontrar respostas que, a uma conclusão diferente, levaram. Chegou-se a uma situação equivalente para os homens e para as mulheres.

“Já participou ou participa de trabalhos de Extensão e/ou de grupos de pesquisa?, no curso de Artes Visuais, a primeira entrevistada pontuou a instituição para a qual pesquisou “Unesc”, a segunda respondeu a questão da mesma maneira e a terceira atribuiu uma resposta negativa por meio de um traço “-----“. O primeiro entrevistado deixou a questão em branco, mas a próxima resposta mostrará que ele não participa de grupos de pesquisa; O segundo pontuou a instituição para a qual pesquisou “Unesc” e o terceiro respondeu “Não”. Nesse curso, a resposta a que se chegou é contrária ao do curso anterior: as mulheres participam mais do que os homens de projetos de pesquisa.

Quanto ao interesse em participar de grupos de extensão ou de pesquisa, duas entrevistadas do curso de Artes Visuais responderam, positivamente, à questão anterior. A terceira entrevistada disse que “Seria interessante participar, para agregar conhecimentos, mas no momento não posso participar por falta de tempo”. O entrevistado um afirmou “Não.”, o dois colocou sim na questão anterior e o terceiro “Sim, possibilidades de publicar materiais.” As mulheres apresentam uma porcentagem maior de respostas afirmativas. Quanto à questão anterior, a única que não participa de grupos de pesquisa respondeu sim a esta. Apenas um homem

afirmou esse desejo de envolvimento com pesquisas ou extensão. Existem mais mulheres com o desejo de participação de grupos de pesquisa.

Sobre os “Cursos que contribuíram e/ou contribuem para sua formação acadêmica”, do curso de Artes Visuais, as mulheres responderam: “Curso Magistério; Cursos promovidos para formação em arte.”; “Cursos oferecidos pelo Curso de Artes Visuais.” e “Sim. Formação continuada em Tecnologias Educacionais.” Os homens disseram “Nenhum.”, “Formação Continuada P.M.C.” e “Formação continuada da Prefeitura de Criciúma.” As mulheres apresentam mais cursos de formação continuada do que os homens. Essas atividades se tratam também de práticas de letramento.

“Quais foram as suas últimas leituras?” As entrevistadas responderam “Romance / Textos do curso.”, “Érico Veríssimo – O Tempo e o Vento / Noites Brancas – Dostoiévski. Olhai os Lírios do Campo.” e “Livros sobre música, cinema, linguagens de arte.” Os entrevistados responderam “Texto para faculdades.”, “Revistas escalas.”, “Artigos e TCCs.”. As educandas apresentaram um repertório maior de textos lidos. Apesar de ambos grupos lerem, as entrevistadas citaram mais autores e/ou tipos de livros.

“Quais são as leituras de sua preferência?” Retiraram-se, das estudantes, as respostas: “Depende.”; “Romance e ficção.”; “Histórias de romance, ou baseados em fatos reais. Revistas...”. Dos estudantes desse curso, alcançaram-se essas afirmações: “Não tenho hábito de leitura”; “Artigos, revistas.”; “Revista Nova Escola, Bravo e Livros.”

Quanto a “Quais as leituras que você faz em função de sua formação acadêmica?”, entrevistadas responderam: “Cultura, arte contemporânea, infância, formação.”; “Textos sobre pesquisa; Arte Contemporânea; infância.”; “Livros que tenham a ver com trabalhos, projetos e TCC.”. Os entrevistados afirmaram: “Capítulos de livros e artigos.”; “Livros educação, arte.”; “Artigos, autores que trabalhem em cima da educação e ensino de arte.” Nessa questão, as entrevistadas detalharam melhor suas leituras, o que significa um maior grau de letramento.

Em anexo, para maior conhecimento dos entrevistados, estão textos que estes produziram, academicamente. Pensa-se no desenvolvimento de estudos de caso para melhor exploração dos documentos a seguir. Precisa-se, em função do número de elementos linguísticos que se situam em um texto, desenvolver uma pesquisa mais delimitada.

5 CONCLUSÃO

Há diferenças já superadas entre as pessoas do sexo masculino e feminino. Estudantes universitários, de cursos de licenciatura e no nível de faculdade, exemplificam a afirmação feita, anteriormente.

Além do lar, as mulheres, no século XIX, passaram a se dedicar ao magistério pelo direcionamento dos homens às fábricas. Tratava-se de moças solteiras e sem filhos no exercício do trabalho docente até o casamento. Posteriormente ao matrimônio, elas, para se dedicarem ao lar, deixavam de lecionar.

As mulheres tinham contato com leituras românticas na época de ingresso no magistério. Nas leituras feitas, pode-se perceber que, com relação ao letramento, as moças possuíam acesso inferior ao dos moços. A realidade em estudo mostrou avanços e dificuldades frente à relação entre gênero e desenvolvimento da escrita.

No curso de Letras, é inferior aos homens a quantidade de mulheres que participam de grupos de pesquisa, assim como as quais têm projetos de se vincularem a esses trabalhos. Essas dificuldades são complementadas pelo menor repertório delas de leituras acadêmicas. Nesse contexto, diferencia-se, com relação à fundamentação teórica dessa monografia, a realidade sobre a qual se estudou, o que mostra que se deve avançar na pesquisa, sobretudo olhando para os textos desses sujeitos com vistas a compreender como o material escrito por eles se apresentam.

Sugere-se a investigação sobre as possíveis interferências do trabalho em exercício pelo estudante no desempenho dele na academia. Nessa questão, encontrou-se, que, quanto a atividades laborais extra-universitárias, mais mulheres do curso de Letras as desenvolvem. Essas estudantes apresentam menos livros de sua preferência que os educandos, apesar de um maior repertório de últimas leituras.

No curso de Artes Visuais, pelas mulheres, foi apresentada maior participação ou desejo de se integrar a grupos de pesquisa. Esse estudo apresenta equivalência aos dados do referencial teórico. A esses, acrescentou-se que, em relação aos educandos, às estudantes participaram de mais cursos de formação continuada e apresentam mais leituras acadêmicas. Essas respostas aprofundam o resultado de produção maior das mulheres em nível de graduação. Quanto a leituras

de preferência e ao desenvolvimento regular no curso, dos homens e das mulheres, depreenderam-se números equivalentes. Essa resposta indica desempenho dos educandos na vida acadêmica.

No curso de Letras, os homens indicam maior acesso a práticas de letramento do que as mulheres, considerando o breve *corpus*. O estudo do curso de Artes Visuais apresenta uma realidade oposta ao curso anterior. Localizaram-se avanços e dificuldades das mulheres quanto ao acesso a práticas de letramento. Com esse estudo, obtêm-se as questões “Se, na fundamentação teórica, encontrou-se que as mulheres graduandas tem maior participação em grupos de pesquisa, por que essa realidade é oposta com as estudantes de Letras? É em função da realidade das estudantes?”

Ao desenvolver a etapa bibliográfica, encontraram-se, nos cursos de doutorado e nas produções científicas, dados que mostram homens com maior acesso. Das monografias realizadas por mulheres, quantas passam a ser instrumento de pesquisa? Quantas mulheres se tornam pesquisadoras? Quantas mulheres são doutoras? Todavia, as mulheres já vão além do próprio acesso à internalização da escrita. Todas essas questões mostram que devemos avançar tentando atualizar esses dados.

Houve épocas de situação das mulheres como alheias à escrita. Então, independentemente, dos avanços e dificuldades delas em relação à pesquisa bibliografia e ao século XIX, analisa-se que as estudantes representam desenvolvimento feminino quanto a práticas de letramento. Essas educandas realizam o ingresso e desenvolvimento de um curso superior. Existiram tempos em que as moças, quando ingressavam na carreira docente, estudavam apenas o Curso Normal, que se passou denominar Magistério.

Estudar um Curso Superior significa um avanço para as mulheres e para a história da educação. Se o exercício docente tem essas pessoas, em sua maioria, o ingresso delas em faculdades representa um desenvolvimento educacional, também. Mas, segundo o referencial, há mais mestrandas e mais doutorandos. Na Universidade pesquisada, quantas mulheres são mestres? Quantas são doutoras? Analisando o referencial, doutorar-se é, para as mulheres, um desafio. E para a região em estudo? Poder-se-ia apresentar a mesma afirmação? A relação entre gênero e práticas de letramento constitui uma oportuna fonte de estudo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Curriculares complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: SEMTEC/MEC, 2002.

CARDOSO, Vanessa Mello. Projeto para o TCC. In: RABELO, Professora Dra. Giani. **Pesquisa em educação**. Criciúma - SC: Unesc, 2007. 21p.

_____. **De normalista à Professora: reflexões sobre a trajetória de mulheres na educação**. 2008. Criciúma - SC: Unesc, 2008. Curso de Pedagogia: Trabalho de Conclusão de Curso.

CASAGRANDE, Professora MSc. Samira. Alfabetização e letramento. In: _____. **Fundamentos e Metodologia da Alfabetização**. Criciúma: Unesc, 2006. 1p.

FURLAN, Vera Irma. O estudo de textos teóricos. In: CARVALHO, Maria Cecília de. (Org.) **Construindo o saber – Metodologia científica: fundamentos e técnicas**. São Paulo: Papyrus, 1989. p. 119-127.

GÖRGENS, Jacy Bastos. **Avaliação da Produção científica dos egressos, bolsistas e não bolsistas de iniciação científica, do Curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, de 1994 a 1999, pelo Currículo Lattes**. Tese. 2007. 60 f. Doutorado (Terceiro) - Departamento de Faculdade de Medicina, Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MINDLIN, Batty et al. **Revisitando Anais Nin**. Revista Usp [online]. 2001-2002. , n.52, pp.171-175.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estud. av. [online].n.49.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira**. Rev. Estud. Fem. [online]. n.3.

SANTA CATARINA, Secretaria da Educação, Cultura e Desporto. Alfabetização e letramento. In: _____. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 2005. p. 23-28.

SECRETARIA da Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. Cad. Pagu [online]. 2005, n.24, pp. 127-152.

APÊNDICE: Questionário para os entrevistados

APÊNDICE: QUESTIONÁRIO PARA OS ENTREVISTADOS

Prezado(a) acadêmico(a), você foi convidado(a) a participar de uma pesquisa da orientanda de monografia do Curso de Especialização Docência do Ensino Superior, Vanessa Mello Cardoso, orientada pela Professora Doutora Angela Cristina Di Palma Back com o objetivo estudar o curso de Letras e Artes Visuais na UNESC. Para que possamos conhecê-lo(a) melhor, solicitamos que preencha os dados a seguir. Informamos que todos os dados fornecidos por você serão confidenciais e utilizados somente para a concretização da pesquisa, como também o seu nome será preservado. Saiba que a sua participação é muito importante para nós, por isso, desde já lhe agradecemos por ter se disponibilizado a participar desta pesquisa.

I Parte – Identificação

Nome:

Data de Nascimento:

Endereço para podermos entrar em contato

Rua:

nº.:

Bairro:

Município:

Telefone:

E-mail:

II Parte – Formação Acadêmica (preencher os campos em que tiver a formação indicada)

Graduação em:

Instituição:

Ano de conclusão:

É estudante regular? Por quê?

Já participou ou participa de trabalhos Extensão e/ou grupos de Pesquisa?

Instituição:

Concluído em (ano):

Caso não, você se interessa? Por quê?

Outros cursos que contribuíram para a sua formação acadêmica:

III Parte – Formação

Você tem participado de atividades de formação continuada? Quais?

Quais são as leituras de sua preferência?

Quais foram as suas últimas leituras?

Quais as leituras você costuma fazer em função de sua formação acadêmica?

V Parte – Atividades

Gostaria que você citasse quais foram os trabalhos escritos (Projetos, artigos, resenhas, resumos, fichamentos) que você fez ao longo de sua formação com título (se possível) e para quais disciplinas. Tente enviar um deles como exemplo.

Quantos trabalhos escritos você produz por semestre?

Você tem dificuldades para escrever? Quais?

ANEXOS

1 TEXTOS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE LETRAS

ANEXO 1: Entrevistada A:**RESENHA DO LIVRO: EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS**

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Linguísticos**.
São Paulo: Ática, 1989. 85p.

O livro *Empréstimos Linguísticos* de autoria de Nelly Carvalho, professora da Universidade Federal de Pernambuco, foi publicado no ano de 1989 pela editora Ática, contendo 85 páginas sobre o tema expresso no título da obra.

Carvalho (1989) explica que, com a interação de duas línguas, vizinhas ou coexistentes, ocorre intercâmbio entre elas que resultam em modificações ou influências em uma ou outra, ou nas duas, na maioria lexicais, denominados empréstimos. Estes fenômenos não são somente linguísticos, nem causados somente pela proximidade territorial, mas são também fruto de uma dominação cultural e política de uma nação desenvolvida sobre outra não desenvolvida. Os empréstimos nomeiam novidades tecnológicas, modismos, objetos em geral oriundos da sociedade. Os mesmos podem entrar e sair da língua, do seu uso, caso se torne necessário, podendo motivar a criação de um novo termo que o substitua. Um país que tenha um nível maior de desenvolvimento gerará maior quantidade de novos termos a serem adotados por países que utilizarem de suas novidades. A autora afirma que os empréstimos podem muitas vezes ser introduzidos em nossa língua por pessoas que não conhecem sua estrutura, causando fortes impactos como a importação de elementos estrangeiros, porém, existem formas de reduzir estes impactos, como a tradução, adaptação e o desenvolvimento de um termo técnico em palavras de uso comum.

Empréstimos Linguísticos é uma obra com linguagem simples e direta que envolve o leitor no tema proposto e incute nele argumentos que geram discussões e debates. O livro de Carvalho (1989) é voltado para acadêmicos de Letras, professores de Língua Portuguesa e Linguística e estudiosos da língua, e ilustra por

meio de exemplos todos os fatos discorridos. A autora trás elementos de formação da língua, tipologia dos empréstimos, classificação, onde se aplicam, e por fim estuda um caso com exemplificação real e convincente e suas possíveis conseqüências, aproximando ainda mais a temática da obra da realidade e do cotidiano. O vocabulário crítico aborda termos essenciais à história da língua portuguesa enriquecendo a discussão e entendimento do tema. A bibliografia comentada que fecha a obra trás os teóricos que embasaram os estudos da autora, e esta, faz recomendações e comentários gerais que enriquecem a pesquisa e busca por ampliação do conhecimento por ela exposto. O objetivo de Carvalho (1989) com a obra *Empréstimos Linguísticos* foi alcançado com sucesso, porque a autora realmente mostrou ao leitor a diversidade de influências que formam a estrutura da língua portuguesa, e que estas influências não geraram problemas de espécie alguma, pois foram assimiladas ao longo dos tempos e incorporadas a língua.

ANEXO 2: Entrevistada B

Resenha do Livro “O Professor pesquisar”

Por meio do livro *O Professor pesquisar* compreendemos melhor o papel do docente pesquisador, isto porque a pesquisa em sala de aula consiste em identificar processos que, por serem rotineiros, tornam-se *invisíveis* para as pessoas que deles participam.

A pesquisa deve iniciar com a elaboração de perguntas exploratórias. procedimento que pode ajudar na definição do problema a ser explorado condução de uma pequena pesquisa piloto.

Para que o pesquisador tenha mais clareza sobre seu problema de pesquisa ele deve explicá-lo em um enunciado, a saber, o objetivo geral do seu trabalho.

Além do objetivo geral, podem ser postulados alguns objetivos específicos que contribuem para apontar ao pesquisador os caminhos a serem percorridos ao longo do trabalho.

Na pesquisa qualitativa, não se levantam hipóteses como na pesquisa quantitativa, mas é aconselhável elaborar asserções que correspondam aos objetivos. A asserção é um enunciado afirmativo no qual o pesquisador antecipa o percurso da pesquisa.

O trabalho de campo para coleta e registros tem seu início com as negociações com todos os envolvidos nesta coleta, ou seja, devem ser informados e aprovarem esta entrada os dirigentes da escola, os professores que tiverem suas aulas observadas.

O processo de coleta deve ter embasamento não apenas intuitivo, mas, deve ser um processo deliberativo no qual o coletor deverá estudar e conhecer as pessoas que estejam sendo observadas. O pesquisador deve ter uma visão embasada de ambas as partes envolvidas, que é chamada de visão social estéreooscópica.

No entanto, a pesquisa deve ser realizada de uma forma neutra a fim de atingir o ideal da objetividade. Este tipo de pesquisa no âmbito da ciência humana é verificado um problema de que o pesquisar deve interpretar suas observações e

registros para então fazer a análise dos dados, contudo ele irá desenvolver seu trabalho por meio daquela bagagem que ele tem e seus elementos culturais já adquiridos, ao longo da vida, podem vislumbrar ao longo do trabalho, devido esta dissociação do pesquisador ser um membro de uma determinada sociedade e cultura.

Em suma o pesquisador poderá refletir na sua análise dados que ele já constitui por ser um integrante ativo de uma sociedade a qual ele participa e questiona suas ações. E a isso chamamos de reflexividade.

O pesquisador deve ter clareza de seus objetivos e análise para assim selecionar os objetos de pesquisa e de que forma ela procederá. Assim, se o coletor usar mais de um recurso para as análises ele conseguirá fazer a triangulação [é um recurso de análise com diferentes meios de tecnológicos para a análise, exemplo: gravações em áudio, entrevistas, fotos, observações diretas, e assim poder comparar as mesmas para confirmar ou desconfirmar um objetivo] dos dados de maneira eficaz.

Um problema que pode ocorrer durante o processo da pesquisa é quando uma asserção é retirada [tipificação prematura]. O pesquisador deve ter bem definido aquilo que deseja observar e defender por isso suas observações devem ter uma determinada periodização para poder confirmar o que se está sendo observado, pois algo investigado pode ter ou não uma reciprocidade.

Um momento muito importante da coleta de dados é quando o pesquisador passa a limpo suas anotações. E assim poderá converter fontes documentais em dados – indução analítica - estabelecendo assim elos entre seus registros e asserções.

O docente ou estudante de línguas pode utilizar este tipo de metodologia para pesquisar sobre outros aspectos gramaticais ou orais da língua portuguesa, como por exemplo: um estudo sobre as orações subordinadas e coordenadas que discorrem de muitas dúvidas ao estudo destas, pois, nossos alunos têm dificuldades de compreendê-las devido suas complexidades.

Em suma o livro professor pesquisar auxilia na construção da pesquisa e assim novas questões duvidosas podem ser refletidas e confirmadas a partir dos resultados da pesquisa.

ANEXO 3: Entrevistada C

ENSAIO ACADÊMICO: MACUNAÍMA E RAPSÓDIA E RESISTÊNCIA – DESTAQUE: O CARÁTER DE MACUNAÍMA

A partir da leitura do livro “Macunaíma”, de Mário de Andrade, e do artigo “Rapsódia e Resistência”, tem-se o conhecimento da vida e uma definição de caráter desse índio protagonista da história (se é que podemos dizer que o personagem o possui). Desde seu nascimento, até a sua morte. O que mais tende a nos chamar atenção é seu jeito maldoso de ser, e os modos ruins que possui. A partir disso nos questionamos: Por que tantas peripécias e atitudes erradas?

Em meio a leituras e pesquisa, temos como objetivo uma análise da rejeição que há por parte do conhecido “herói” (entre aspas porque boa fama não possui), ou então que por ele é sofrida, e, quem sabe, desvendar alguns de seus sentimentos e justificar (mesmo que não se mereça, ou que não se deva) seu estilo. Sua maneira de tratar os irmãos, seu jeito vingativo de ser, sua mania de esconder a verdade, entre outras coisas, tudo isso é fruto de um comportamento o qual incomodava a muitos.

Essa discussão poderia até ser usada nos dias de hoje, para análise de comportamentos contemporâneos os quais deixam a desejar no que se refere à vivência da sociedade atual.

Algo bom que podemos dizer sobre Macunaíma, é que ele teve sempre como hábito respeitar as pessoas mais idosas e frequentava com aplicação as danças religiosas de sua tribo. Isso pode ser visto pelo fato de no livro aparecerem mais “desrespeitos” contra seu irmão Jiguê, que estava na força de homem, do que contra Maanape, já com mais idade. Outro tópico importante a falar sobre o “herói sem caráter”, como é conhecido, é que não se custava a caçar. Porém, tanta bondade é de se duvidar, para alguém que tem um apelido como o dele. E quem tiver dúvidas, tem razão.

Macunaíma se oferecia (e muito) para as caças, para ter a oportunidade de “brincar” – ter relações sexuais – com as mulheres de seus irmãos, as mulheres que ele tivesse oportunidade, e as mulheres que ele gostasse, e ele atentasse, até que elas cedessem. Outro ponto de análise quanto ao seu jeito de ser, é que devido a um desentendimento com os irmãos, os negou comida; na realidade, a mãe deles estava levando aos seus outros filhos pacova (banana), para que comessem, pois estavam sem alimentos, e ele a impediu de continuar com isso. Vemos pelas suas características apresentadas, o quanto ele possui uma marginalidade potencializada. Foi colocado em grande destaque a sua preguiça, demonstrada pela fala frequente “– ai, que preguiça” em muitos momentos do livro.

Essas e suas outras peculiaridades negativas podem ser fruto de uma possível rejeição vinda de berço, já que é dito no livro que o menino é “filho do medo da noite” e também que “a índia tapanhumas pariu uma criança feia”. Poderia também ser um comportamento do índio para chamar a atenção dos que estavam ao seu redor, ou então, mera preguiça e desapego dos que o rodeavam.

O importante é, após ler a obra, entender o seu contexto e ter as várias visões sobre o mesmo personagem e compreender todas as suas mudanças de características. É interessante também que se note como ele consegue se adaptar às mais diversas situações em que vive. Cabe ao leitor conseguir ver as maneiras com que o índio consegue se expressar, e como ele age diante de cada circunstância que lhe surge, e assim, poder julgá-lo por suas atitudes e pensamentos.

Referências:

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Martins, 1978. 226p.

Rapsódia e Resistência. In: Mariodeandradiando. São Paulo: Hucitec, 1996.

ANEXO 4: Entrevistado A

Resenha do livro “Subordinação e Coordenação: confrontos e contrastes”

O livro acima mencionado de autoria de Flávia de Barros Carone traz para nós uma reflexão acerca da coordenação e subordinação, não apenas de orações, mas entre as palavras e entre os componentes que formam as palavras, os morfemas.

As conclusões da autora estão baseadas principalmente nos estudos de vários estudiosos, que estudaram sintaxe de línguas estrangeiras, como o francês, o inglês e o latim. Os estudos apresentados sobre as relações sintáticas nas línguas estrangeiras são bem interessantes, mas a autora fala como se todos os seus leitores tivessem conhecimento prévio suficiente para analisar a sintaxe de línguas estrangeiras, como não é o nosso caso.

O livro começa a ser mais inteligível à medida que a autora deixa de usar termos e exemplos de nível que exijam menos do leitor, fato que vai acontecendo do início para o meio do livro. Outro fato negativo no livro é que a autora cita os estudiosos sem nem apresentá-los primeiro, não nos dando a firmeza suficiente para crer nas suas conclusões, situação que se agrava quando a autora critica a posição de Tesnière quanto a quem “pertence” a conjunção coordenativa, se à oração principal ou à secundária, se assim podemos dizer. Tesnière compara as orações coordenadas e as conjunções com as pedras e o cimento que as une, alegando que como o cimento não pertence nem a uma pedra nem a outra, sendo exterior a elas, assim é a locução coordenativa que liga orações, não pertence nem à primeira nem à segunda. Logo após, Carone nos expõe suas opiniões a cerca do assunto, suas conclusões são bem embasadas e cheias de exemplos que nos fazem aceitar as suas idéias como verdadeiras, a sua opinião é que a conjunção pertence, sempre, à segunda oração.

O livro também se torna bem interessante pelo seu embasamento cultural acerca da influência da cultura na linguagem, a autora faz também uma interessante comparação entre o sistema lógico-cronológico da sociedade judaico-cristã e o sistema dos gregos e romanos, mostrando-nos no que isso influencia na predominância de períodos formados por subordinação ou coordenação,

conhecimento este que nos ajudará a entender melhor a formação cultural e linguística de nossa sociedade.

É notável que a autora não apóia a gramática tradicional, isso é bem perceptível quando ela reclassifica as formas nominais do verbo, fazendo-nos refletir mais uma vez sobre quando uma palavra está no particípio e quando é um adjetivo, fato que é difícil chegar a uma conclusão. Como alicerces para seu argumento a autora utiliza-se de exemplos retirados do latim, língua-mãe do português.

Finalizando, o livro é interessante para aqueles tem sede de conhecimento acerca da nossa língua, mas não é indicado para pessoas que possuem pouco conhecimento gramatical e lingüístico.

ANEXO 5: Entrevistado B

O amor como um construto econômico-cultural

Tratar de amor geralmente nos remete ao lado subjetivo, romântico do homem, mas será que a construção do amor é realmente tão individual? Uma pessoa ama outra, apenas por um “algo” mágico que a faz sentir atração, desejo, bem-querer pelo outro ou há algo mais? É disso que trataremos aqui: o amor como um construto sócio-cultural, ou seja, o amor não como uma coisa mágica, ele não nasce de um olhar repentino, mas de uma visão influenciada pelo meio em que aqueles que se amam vivem, levando em conta os conhecimentos culturais de que dispõem a respeito do tema amor.

Desde a Idade Média, período caracterizado pelo feudalismo, a demonstração de uma primeira sensibilidade, podemos assim dizer, era expressa através da poesia trovadoresca. Esse tipo de poesia tinha como principal meta exaltar a mulher do senhor feudal, sendo poemas cantados (na época a poesia era acompanhada de música, daí a serem chamadas de *cantigas*) para exatamente mostrar um desejo pela conquista da afeição daquela mulher ao mesmo tempo em que se sabia ser a consumação ou aceitação desse amor algo impossível. Temos, portanto, nessa manifestação cultural do amor todo um fundo econômico, pois o poeta enfatiza a exaltação do amor pela Senhora (mulher do Senhor feudal) tendo a clareza de que jamais a terá; com isso outra característica dessa poesia que surgirá é o sofrimento, o que podemos comprovar com um trecho de uma cantiga de amor de Afonso Fernandes: *Senhora minha, desde que vos vi,/ lutei para ocultar esta paixão/ que me tomou inteiro o coração;/ mas não posso mais e decidi/que saibam todos o meu grande amor,/ a tristeza que tenho, a imensa dor/que sofro desde o dia em que vos vi.* Há ainda uma outra razão que contribui para a produção literária dessa época, vejamos.

Naquele tipo de sociedade não havia nenhuma perspectiva de alcançar alguma ascensão, a única maneira de se ver destacado dos demais era justamente em função dessas cantigas, pois a poesia que exaltava a Senhora formava uma espécie de jogo amoroso entre os supostos amantes. Ou seja, na visão do autor do poema a mensagem passada através daquelas palavras era compreendida apenas entre ele

e ela, não se admitindo, é claro, nenhuma espécie de demonstração desse amor em qualquer meio que fosse; era um amor que se idealizava em segredo.

Num outro período, teremos na literatura o momento conhecido como Romantismo e usaremos para explicitar e comprovar a tese aqui defendida o romance do escritor português Camilo Castelo Branco intitulado *Amor de perdição*. No enredo dessa novela romântica o personagem principal Simão apaixona-se por Teresa, mas as famílias são rivais e o amor não pode realizar-se plenamente, sendo ele preso por assassinar um pretendente da amada e ela mandada ao convento após o episódio, passando os amantes a comunicarem-se secretamente por meio de cartas. O desfecho é, como característica romântica, trágico, com Teresa morrendo no convento e Simão seguindo o mesmo caminho dias depois, durante a viagem ao degredo ao qual havia sido condenado.

O que podemos ver na história é a sociedade aristocrática da época como um fator essencial para a não realização do amor entre as personagens, que se percebem isoladas, num sentimento ao mesmo tempo de martírio e redenção. O primeiro em razão de todas as coerções a que são submetidos por não desistirem de levar adiante o amor que sentiam e o último por verem na morte uma espécie de possibilidade da realização desse amor (num mundo ideal), uma vez que o mesmo não poderia dar-se dentro das condições em que a sociedade lhes proporcionava. O amor entre os dois personagens é baseado não em um sentimento que surge de repente, mas em uma construção social e econômica, visto que Simão e Teresa compartilham de um mesmo conceito sobre aquilo que seria o amor naquela sociedade: algo que dependesse apenas dos desejos e anseios dos amantes; ao serem separados por razões sociais, passam ambos a se enxergar isolados e esse é mais um fator que serve para uni-los, quase como o autor das cantigas e a Senhora. A diferença é que na literatura de Castelo Branco o chamado “jogo do amor” é explicitado pelos amantes. Porém vale aqui a comparação do ponto de vista da sensação de diferenciação que eles sentem em relação ao restante dos indivíduos, sendo o amor um construto adquirido por meio do contexto social e da identificação de Simão e Teresa diante desse mesmo contexto.

Visto desse ponto, as análises acima de características do Trovadorismo e do Romantismo, são exemplos da sociedade e da cultura participando do processo de construção do amor, mas como essas influenciam e participam efetivamente dessa mesma construção em nossa época e sociedade? Como base para esta análise

utilizaremos o texto de Sérgio Costa, chamado “Amores fáceis”, que trata exatamente da idéia proposta neste texto.

Leiamos um período que consta na conclusão a que chega o autor do artigo após a explicitação de vários pontos de vista de outros autores sobre o tema amor: “[...] nas sociedades contemporâneas a economia está presente em diversas esferas do amor, oferecendo produtos culturais que marcam os ideais e sentimentos amorosos, além de contextos para a vivência dos rituais românticos” (COSTA, 2005). Considerando a colocação acima, é inegável que os produtos, os ambientes, os serviços e também a literatura não são apenas uma demonstração das relações amorosas, mas sim a sua própria base, aquilo pelo qual essas relações se constroem e acontecem. O que queremos enfatizar não é a idéia de que o amor tornou-se uma mercadoria, mas que o contexto econômico é um dos responsáveis pela construção dele; o outro elemento é o cultural, é ele que fará com que haja no indivíduo a formação do conceito daquilo que é amar.

A literatura, a televisão, os filmes, as músicas, acabam por construir no sujeito aquilo que ele irá reconhecer como o amor. Quando alguém diz que está sofrendo por amor, sempre consegue encontrar uma música, um filme, um personagem literário, enfim, alguma representação artística e cultural com a qual se identifica. Isso não é mera coincidência, é a prova de que a construção desse conceito sobre o que é o amor se dá pelo contexto econômico e cultural a que os indivíduos envolvidos na relação amorosa têm acesso e do qual compartilham.

ANEXO 6: Entrevistado C

			A 4.0
			CC 3.0
			F 1.5
			G 1.0
			9.5
			9.5
	Embora os dois textos tenham do mesmo assunto, que é a infância, sua linguagem é totalmente diferente.		
	O primeiro segue um estilo jornalístico dissertativo, apresentando uma tese e debatendo sobre ela, tese essa que é fundamentada nos textos de gênero autobiográfico com enfoque na infância dos seus autores.		
	Já a segunda apresenta muitas das características fundamentais do gênero literário. É escrita em verso, e conta porém com uma linguagem poética, pois propõe uma interpretação bastante ambígua das palavras que contém.		
	"Um gosto de amarela comida com sol" é uma metáfora a qual se compara a vida, que se chama Agera porque na infância não se pensa no futuro e se passa apenas no presente. Este modo de mostrar a infância torna o texto uma novidade, pois é desviado da normalidade, outra característica que fundamenta os textos de literatura.		
	De acordo com o parágrafo anterior, o poema "Infância" apresenta versificação lírica simbólica, já que com a interpretação de simbolismo do texto chega-se a algo não diferente da realidade.		
			É um texto redigido com originalidade e criatividade. Também apresenta uma linguagem poética.

Obs.: Está sem título, o qual, provavelmente, foi colocado na capa.

2 TEXTOS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE ARTES VISUAIS

ANEXO 1: Entrevistada D

A CULTURA INTERFERE NO PLANO BIOLÓGICO¹

Laraia (2006, p.75) nos diz que “[...] a cultura interfere na satisfação das necessidades fisiológicas básicas. [...] ela pode condicionar outros aspectos biológicos e até mesmo decidir sobre a vida e a morte dos membros do sistema.” Segundo o autor, a cultura é forte em nossas vidas, que, arriscamo-nos a afirmar, que se perdêssemos nosso “habitat cultural” poderíamos não sobreviver.

A cultura também é uma grande influenciadora nas doenças psicossomáticas (são transtornos orgânicos que têm origem em desequilíbrios dos processos mentais²). A exemplo do próprio autor:

Muitos brasileiros, por exemplo, dizem padecer de doenças do fígado, embora grande parte dos mesmos ignorem até a localização do órgão. Entre nós são também comuns os sintomas de mal-estar provocados pela ingestão combinada de alimentos. Quem acredita que o leite e a manga constituem uma combinação perigosa, certamente sentirá um forte incômodo estomacal se ingerir simultaneamente esses alimentos.(LARAIA, 2006, p.77).

Como vimos à cultura interfere diretamente e indiretamente em nossas vidas, e além de ser influenciadora nas doenças, também influencia a cura. Segundo o autor “a cultura também é capaz de provocar curas de doenças, reais ou imaginárias. Estas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio ou no poder dos agentes culturais” (LARAIA, 2006, p.77).

Todos nós somos portadores de cultura, e se olharmos para nossas experiências vividas iremos entender sobre esse assunto, conforme nossa própria capacidade de estabelecer relações.

¹ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006, p. 75 à 79.

² **Doenças psicossomáticas**. Disponível em: http://togyn.br.tripod.com/doencas_psicosomaticas.htm. Acessado em: 16 de março. 2011

ANEXO 2: Entrevistada E

PROJETO DE PESQUISA EM ARTE: REFERENCIAL TEÓRICO

Amplamente utilizado na propaganda publicitária, o cartaz possui características significativas que garantem sua funcionalidade e importância no meio publicitário. Com o notório desenvolvimento da técnica ao longo da história, o cartaz passa a ser visto como forma de comunicação de massas, no espaço urbano.

Com uma imagem colorida e significativa e poucas palavras, o cartaz se apresenta diante do leitor que passa na rua, precisa chamar atenção e informar nos segundos que se passam durante esse encontro.

Vemos o cartaz se desprender do anúncio por um aumento progressivo da importância da imagem em detrimento do texto [...]. Por volta de 1890, a técnica está estabelecida [...] e o estilo dos cartazes toma o aspecto de um *quadro* cristalizado pelas palavras-vedete de um texto; [...] O cartaz se torna então o signo permanente do desenvolvimento social, liga-se ao mesmo tempo, intimamente à vida cotidiana [...]. (MOLES, 1974, p. 32)

Dessa forma, o cartaz cumpre seu papel, também social, no momento em que serve de veículo para as manifestações políticas na Alemanha e nos Estados Unidos no século XX, por exemplo.

Compreendendo o cartaz em sua função histórica, adentramos no campo das artes que segundo Coli (2006, p. 8), “são certas manifestações da atividade humana diante da qual nosso sentimento é admirativo”, o autor a caracteriza ainda como linguagem que “não isola, um a um, os elementos da causalidade, ela não explica, mas tem o poder de nos ‘fazer sentir’” (p. 110). Por meio da arte é que se expressam os sentimentos humanos, em seu formato mínimo.

Já a Arte Contemporânea procura a quebra de paradigmas, incitando novas formas de olhar, novos conceitos, sobrepondo-se a antigos sistemas, experimentando o novo, recriando o antigo.

A Arte contemporânea [...] esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida. (COCCHIARALE, 2006, p. 16).

Trago a fotografia como mídia para, por meio do olhar estético, tentar transformar em arte a colagem de cartazes no espaço urbano, apesar de que, no início de sua utilização, a fotografia não era reconhecida como arte por ser facilmente produzida e reproduzida. Entretanto, é necessário reconhecer que a fotografia não é apenas imagem reproduzida sobre papel. Kubrusly (2006, p. 7) classifica o fotografar como um “ato de parar e fluir uma imagem já existente, não um processo de obtenção e reprodução dessa imagem”.

Unir a fotografia à arte contemporânea se apresenta como uma possibilidade bastante eficiente de criação, desde que o artista esteja ciente de sua imprescindível função, não só no manuseio, mas também, no olhar crítico e estético para a obra a se formar.

O artista contemporâneo pensa e age fotograficamente: ele isola, suspende, corta, retira do contínuo da realidade seus objetos de desejo. Só ela [a fotografia] possui esta capacidade pronta e rápida de cortar e unir aquilo que é imaginário, intelectualizado pelo criador, com a obra executada, visível. A fotografia nos oferece ao mesmo tempo a frieza superficial do espelho e a profundidade sem limites do abismo. (ACHUTTI, 2003, p. 63).

Ao pensar na arte no espaço urbano, é preciso situar a cidade como “o lugar do efêmero, da transitoriedade, da circulação das massas, dos encontros e desencontros com o estranho, onde não seria possível visualizar qualquer ordem” (SOUZA; CRIPPA, 2009, p. 61). Nesse contexto a cidade se apresenta como espaço de apropriação do sujeito, que cotidianamente interage com ela. Dessa forma, o fazer artístico na cidade se apresenta intimamente ligado à percepção do sujeito e é dessa interação que se faz a arte.

ANEXO 3: Entrevistada F

O PROJETO DE PESQUISA E SEUS PASSOS ³: REFERENCIAL TEÓRICO

“Qualquer trabalho humano é processo explícita ou implicitamente projetado” (SANTAELLA, 2001, p 152). Assim explica a autora, falando em seu livro “Comunicação e Pesquisa” que todo projeto precisa antes ser pesquisado e organizado, pois a pesquisa será a principal guia na produção do projeto. Quando há uma preparação prévia, como a escolha do tema, problema, objetivos, coleta dos dados...as perguntas freqüentes enfrentadas durante o projeto serão melhor respondidas.

A autora nos mostra os passos para se ter uma pesquisa e consequentemente um projeto de qualidade. Iniciando pela escolha do tema, no qual este deverá ser bem estudado, pois contemplará a idéia inicial sobre o assunto do projeto. Após o tema escolhido deve-se ir em busca de um problema, podendo ser uma dúvida ou curiosidade do pesquisador, ou até mesmo um problema imposto por outrem, mas este deverá ser respondido ao longo do processo de pesquisa.

Quando há uma definição do tema e problema, deve-se iniciar uma pesquisa bibliográfica sobre os mesmos, observando assuntos próximos ou parecidos para comprovar que não há nada igual. Prosseguindo com a pesquisa, é necessário justificar o problema, mostrar sua importância. Pois só quando há uma justificativa sobre o assunto é que pode-se delimitar os objetivos que se quer alcançar através da pesquisa. Há também questões que prevêm uma solução antecipada, como chamamos de hipóteses. Segundo Santaella (2001, p 182) “sem problema bem definido e hipóteses bem elaboradas, não é possível [...] dominar com segurança o quadro teórico em que se funda o raciocínio”.

Sem dúvida, em qualquer projeto de pesquisa é obrigatória uma fundamentação teórica para comprovar os meios pesquisados, pois serão os levantamentos bibliográficos que darão sustentação a pesquisa, não basta apenas

³ SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

pensar e imaginar respostas, é preciso comprová-las ou discordá-las.

Os planejamentos devem seguir caminhos, por mais que hajam muitos, é necessário que estejam interligados, conectando-se um ao outro. Cronograma precisa ser cumprido em um projeto de pesquisa, dúvidas precisam ser sanadas, livros precisam ser pesquisados, pessoas entrevistadas... Os conhecimentos agregados durante este processo são importantes, pois respondem a expectativas, geram novas discussões, novos problemas, novas pesquisas. O pesquisador precisa ser corajoso, organizado, determinado, responsável, inovador.

“A compensação mais gratificante se encontra naqueles momentos em que a pesquisa começa a adquirir forma e determinações próprias, exigências internas tão eloqüentes como se viessem de um corpo vivo. [...] pesquisas também decifram para cada um de nós o mistério dos prazeres muito próprios e decididamente intransferíveis que a vida intelectual traz consigo” (SANTAELLA, 2001, p 189).

ANEXO 4: Entrevistado D

PROJETO DE DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS JARDIM III

TEMA: *BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS*

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde os primórdios da civilização, a arte tem função indispensável na vida das pessoas e na sociedade, tornando-a um dos fatores essenciais de humanização.

Logo ao nascer, passa-se a viver em um mundo que já tem uma história social de produções culturais que contribuem para a estruturação do senso estético da pessoa. Desde criança, interagimos com manifestações culturais e aprendemos a demonstrar o prazer e o gosto por imagens, objetos, cores, traços, e vamos, assim, dando forma à maneira de admirar, gostar, julgar e apreciar. É por isso que a arte é tão importante, pois quanto mais contato se tem com ela, mais se educa esteticamente para o convívio com as pessoas e o meio social.

Para Barbosa (1975, p. 90), “a arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção, etc., mas tem importância em si mesma, como assunto, como objeto de estudo”.

Brinquedo e brincadeiras existem há anos, e sabe-se que até hoje são transmitidos de boca em boca, de pai para filho, em todos os lugares do mundo.

Crianças de todas as regiões do mundo brincam e sempre brincarão, pois adoram inventar, imaginar e criar. Além disso, o ato de brincar permite ao ser humano conhecer seus semelhantes e aprender a conviver em sociedade.

Na arte pode-se trabalhar o lúdico de várias formas, pois é por meio dele que a criança desenvolve a sua imaginação, expressão e comunicação.

Como observa Bartutti (2004, p. 69),

[...] é pelo brincar que o ser humano se torna capaz de viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico. O brincar é o processo educativo mais amplo; influencia o intelecto, o emocional e o físico, desenvolve a iniciativa, a imaginação e o interesse.

Através da arte, a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa. É no fazer artístico e no contato direto com as várias linguagens da arte que parte significativa do conhecimento em Artes Visuais acontece.

As obras de arte, além de informar, provocam emoções. Ao apreciar uma obra artística, as pessoas podem reagir com emoções, pois os sentimentos e as sensações também são transmitidos por meio das imagens. Arte se ensina, arte se conhece, arte se aprende. E é por acreditar nisso, que para contribuir com esses conhecimentos, proponho com o presente projeto, levar o aluno a descobrir o valor da apreciação estética que os leva a ter sensações enquanto expectadores.

Trabalhar com a arte permite por meio das diversas linguagens artísticas, perceberem os elementos de uma forma natural e prazerosa, o trinômio: forma, ritmo e cor, que estão muito presentes nas artes visuais, percorrendo o caminho da figuração.

ANEXO 5: Entrevistado E

PROJETO DE ESTÁGIO DO ENSINO MÉDIO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos tempos modernos muita atenção tem sido dispensada à tecnologia e o ensino das Artes é um dos temas que, muitas vezes, ficam esquecidos na educação. A disciplina de Artes é mal compreendida desde muito tempo, onde a cultura, as técnicas artísticas, os desenhos e produções não são valorizados pelo professor e pelos alunos.

Segundo o PCN (BRASIL, 1997, p. 15):

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentidos às experiências das pessoas: por meio dele o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve basicamente, fazer trabalho artístico, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas.

Por todos esses motivos o professor deve ser mais bem preparado e as instituições devem dispor de materiais mais adequados, por onde a cultura visual seria melhor trabalhada. As aulas devem ser momentos de criatividade, que incluam todo o tipo de arte a serem discutidas, analisadas e debatidas, o que desenvolverá nos alunos o poder de contribuir na sua visualização de obras interpretando e enriquecendo seu conhecimento. Assim também nos fala a pesquisadora Barbosa quando discute:

No ensino da arte, muitas pessoas passaram a acreditar que a auto-expressão abrange todo o universo da arte, especialmente para as crianças mais novas. Muitos professores parecem acreditar que eles devem deixar as crianças se expressarem e dessa forma seu compromisso de ensino está realizado (1999, p.40).

A partir dessa afirmação percebemos que a arte deve ser considerada como expressão e cultura, assinalando a necessidade de contextualizar a história da arte e o aprendizado visual com imagens eruditas ou não, sendo que qualquer imagem pode ser interpretada, ensinando para a leitura de imagem.

Produções artísticas apresentam idéias e informações sobre culturas diversas, que integram uma identidade cultural ou que facilitam a compreensão das

diferenças sociais. A arte-educação é uma possibilidade de mediação das diferenças culturais presentes na escola. Mas esta proposta depende de um esforço maior do professor, procurando informações, materiais e recursos, para chegar à direção apontada. A leitura de imagem precisa fluir nas aulas, ensinando a compreensão das formas e o que está por trás delas. O professor deve também incentivar o aluno, direcionando os argumentos de seus projetos a buscar o máximo de sensibilidade e despertando o interesse.

O ensino da arte no Brasil na escola primária e secundária se caracteriza pelo apego ao espontaneísmo, ou pela crença na existência de uma virgindade expressiva da criança e na idéia de que é preciso preservá-la, evitando o contato com a obra de arte de artistas, especialmente suas reproduções, acreditando que esta apreciação incentivaria o desejo da cópia (BARBOSA, 1999, p.12).

A partir da década de 60 entramos na Arte contemporânea que é construída não mais necessariamente com o novo e o original, como ocorria no Modernismo e nos movimentos vanguardistas. Ela se caracteriza principalmente pela liberdade de atuação do artista, que não tem mais compromissos institucionais que o limitem, portanto pode exercer seu trabalho sem se preocupar em imprimir nas suas obras um determinado cunho religioso ou político.

Esta era da história da arte nasceu em meados do século XX e se estende até a atualidade, iniciando logo depois da Segunda Guerra Mundial. Este período traz consigo novos hábitos, diferentes concepções, a industrialização em massa, que imediatamente exerce profunda influência na pintura, nos movimentos literários, no universo 'fashion', na esfera cinematográfica, e nas demais vertentes artísticas. Esta tendência cultural com certeza emerge das vertiginosas transformações sociais ocorridas neste momento. Os artistas passam a questionar a própria linguagem artística, a imagem em si, a qual subitamente dominou o dia-a-dia do mundo contemporâneo. Em uma atitude metalingüística, o criador se volta para a crítica de sua mesma obra e do material de que se vale para concebê-la, o arsenal imagético ao seu alcance.

Os movimentos contemporâneos realizam um mix de vários estilos. Diversas escolas e técnicas. Não há uma mera contraposição entre a arte figurativa e a abstrata, pois dentro de cada uma destas categorias há inúmeras variantes.

Enquanto alguns quadros se revelam rigidamente figurativos, outros a muito custo expressam as características do corpo de um homem. Os artistas nunca tiveram tanta liberdade criadora, tão variados recursos materiais em suas mãos. As possibilidades e os caminhos são múltiplos, as inquietações mais profundas, o que permite à Arte Contemporânea ampliar seu espectro de atuação, pois ela não trabalha apenas com objetos concretos, mas principalmente com conceitos e atitudes. Refletir sobre a arte é muito mais importante que a própria arte em si, que agora já não é o objetivo final, mas sim um instrumento para que se possa meditar sobre os novos conteúdos impressos no cotidiano pelas velozes transformações vivenciadas no mundo atual.⁴

Vendo que a Arte Contemporânea pode seguir diversos estilos, percebemos que a fotografia faz parte da vida de todos, porém muitas vezes de maneira apenas a registrar algum acontecimento de nossas vidas, como cópia da realidade, em um gesto mecânico, sem possuir sentido artístico. A maioria das pessoas não conhecem a fotografia como arte, não a vêem com um olhar sensível, e não possuem oportunidade de adquirir este conhecimento, portanto é na escola que deve-se cumprir este papel, mostrando para os alunos que uma fotografia pode ser pensada e analisada, tornando-se fonte de conhecimentos, informações e emoções, possuindo características artísticas. “[...] o que de fato a fotografia nos traz não é cópia fiel, mas sim um recorte, uma representação daquela realidade que estamos vendo, até mesmo com significado político, social e afetivo. [...] a foto, depende de escolhas e decisões humanas.” (EITLER, 2000, p. 39) Portanto uma fotografia poderá adquirir um significado conforme a escolha, o pensamento e a intenção do artista, o qual possui um olhar diferenciado para coisas e fatos, que ao revelar e expor o seu trabalho irá compartilhar deste seu olhar e pensamento com as demais pessoas, as quais estarão se apropriando da linguagem não verbal.

Fotografar, [...] muda o gesto, abre o caminho. [...] é possível romper com barreiras tradicionais e criar outras. Ensinar nossos olhos a ver de fato, buscar aquilo que queremos ver. É dar novos significados. Enfim, é uma forma de construir, de perceber e de se emocionar com a busca de novas maneiras de captar o mundo. (EITLER, 2000, p.45)

Em nossa época existem alguns artistas que se utilizam da fotografia, entre

⁴ Estas reflexões baseiam-se no (PATRICK INSIRA AQUI A FONTE QUE SE BASEIAS PARA AS REFLEXÕES QUE DESTACAS NO REFERENCIAL SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA. SE FOR SITE INSIRA, SE FOR LIVRO INSIRA TAMBÉM).

eles encontra-se Frans Krajcberb (Kozienice Polônia 1921). Escultor, pintor, gravador, fotógrafo. Estuda engenharia e artes na Universidade de Leningrado. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), perde toda a família em um campo de concentração. Muda-se para a Alemanha, ingressando na Academia de Belas Artes de Stuttgart, onde é aluno de Willy Baumeister. Chega ao Brasil em 1948. Em 1951, participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo com duas pinturas. Reside por um breve período no Paraná, isolando-se na floresta para pintar. Em 1956, muda-se para o Rio de Janeiro, onde divide o ateliê com o escultor Franz Weissmann (1911 - 2005). Naturaliza-se brasileiro no ano seguinte.

A partir de 1958, alterna residência entre o Rio de Janeiro, Paris e Ibiza. Desde 1972, reside em Nova Viçosa, no litoral sul da Bahia. Amplia o trabalho com escultura, iniciado em Minas Gerais, utilizando troncos e raízes, sobre os quais realiza intervenções. Viaja constantemente para a Amazônia e Mato Grosso e fotografa os desmatamentos e queimadas, revelando imagens dramáticas. Dessas viagens, retorna com raízes e troncos calcinados, que utiliza em suas esculturas. Na década de 1980, inicia a série *Africana*, utilizando raízes, cipós e caules de palmeiras associados os pigmentos minerais.

A pesquisa e utilização de elementos da natureza, em especial da floresta amazônica, e a defesa do meio ambiente, marcam toda sua obra. O Instituto Frans Krajcberg, em Curitiba, é inaugurado em 2003, recebendo a doação de mais de uma centena de obras do artista.

Por todos estes pensamentos e olhares aguçados do artista Frans Kragcerb seus trabalhos serão fios condutores, para a proposta deste projeto, aonde iremos primeiramente ver as obras, em seguida sentir suas emoções e desta forma relacionar com o nosso cotidiano, tendo assim meios para refletir, e repensar nossas atitudes.⁵

⁵ Dados extraídos do MESMA IDEIA DA PÁGINA ANTERIOR, AGORA COM O ARTISTA

ANEXO 6: Entrevistado F

Projeto de tcc: REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação e seu papel na atualidade

O desenvolvimento da tecnologia trouxe, e ainda trás, profundas mudanças em todas as dimensões da vida e no mundo. Segundo Moran (1995), a criação e forma de utilização da máquina a vapor, da eletricidade, telefone, carro, avião, televisão, computador, redes eletrônicas e de outras tecnologias contribuíram para a expansão do capitalismo, para o fortalecimento do modelo urbano e para a diminuição das distâncias.

O autor coloca que o sistema econômico capitalista incentivou a expansão tecnológica, visto que a tecnologia viabilizou novas formas produtivas, alcançando maior número de consumidores, agilizando o processo de distribuição dos produtos, expandindo o mercado mundial e tornando seus produtos mais baratos e acessíveis, sempre tendo como objetivo o lucro. Na década de 80, em um processo autônomo de reestruturação do capitalismo, chamado de *neoliberalismo*, o nível tecnológico alcançado exerceu papel fundamental na reestruturação econômica-organizacional, dando início à chamada Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científico-Informacional.

Com a expansão tecnológica, as formas de utilização das tecnologias também ampliaram e se diferenciaram, servindo de instrumento da dimensão econômica à política, da familiar à educacional.

[...] as tecnologias são produtos da ação humana, historicamente construídos, expressando relações sociais das quais dependem, mas que também são influenciadas por eles. Os produtos e processos tecnológicos são considerados artefatos sociais e culturais, que carregam consigo relações de poder, intenções e interesses diversos. (OLIVEIRA, 2001 101-102)

Da mesma forma, Moran (1995) coloca que cada tecnologia modifica algumas dimensões da nossa inter-relação com o mundo, da percepção da

realidade, da interação com o tempo e o espaço: a rede Internet foi concebida para uso militar. Com medo de um perigo nuclear, os cientistas criaram uma estruturação de acesso não hierarquizada, para poder sobreviver no caso de uma hecatombe. Após, foi implantada a rede nas universidades, seguindo o modelo não vertical, e com isso propiciou-se a criação de inúmeras formas de comunicação não previstas inicialmente. O telefone, por ser caro e demorado, era usado para casos extremos. Com o barateamento das chamadas, a proximidade com pessoas de outros estados ou países tornou-se mais habitual. O telefone celular apresenta uma mobilidade inimaginável a alguns anos atrás, podendo conectar pessoas em qualquer lugar sem depender de cabos ou rede física. Novas formas de acesso à cursos à distância via computador, os materiais escritos e audiovisuais pelo WWW (tela gráfica da Internet, que pode captar e transmitir imagens, sons e textos), videoconferências, atendimento bancário *online*, dentre outros.

Segundo o CETIC - Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e da Comunicação (2010), o uso das TICs tem se expandido no território brasileiro. A posse de telefone fixo, após quatro anos de queda, teve crescimento em 2009. A proporção de domicílios com computador e com acesso à Internet teve seu maior crescimento desde 2005: 36% dos domicílios urbanos possuem computador e 27%, internet. Em empresas de médio e grande porte, o uso do computador chega a 100%. Entretanto, o número de domicílios que possuem computador sem acesso à rede cresceu, fator relacionado ao custo elevado da conexão à rede. O telefone celular chega a 78% dos lares brasileiros, dentre a área urbana e rural.

As novas tecnologias modificaram profundamente o conceito de tempo e espaço, permitindo a ligação das pessoas, a troca de informações, cultura, a globalização, estabelecendo novos elos, situações e serviços, modificando os padrões de comportamento e inter-relação.

Axt (2000) coloca que existem opiniões contrárias a respeito dos benefícios das NTICs. De um lado, há os que vêem na tecnologia a promoção do ser humano, a construção da sociedade do conhecimento, da inteligência coletiva.

Por exemplo, é enunciado que, em pouco tempo, uma nova e completa infraestrutura de aprendizagem deverá estar instalada na rede, desde enciclopédias, bibliotecas virtuais, museus de arte, até escolas, oficinas literárias e de arte interativa e universidades abertas, conectando alunos de todos os cantos do mundo. O mesmo deverá ocorrer com a saúde e a pesquisa. (AXT, 2000, p.51)

Do outro lado, a autora relaciona os que pressentem o desenvolvimento de uma sociedade mais fechada, desumana, de controle extremo, figurativa e não-reflexiva, onde o próprio conhecimento corre o risco de ser perdido, gerando uma sociedade do não-conhecimento. Entre esses, ficam os que reconhecem a tecnologia como possibilidade de criação de uma sociedade do conhecimento, solidária e democrática, e que consideram as dificuldades de uma sociedade informal, onde

[...] a abundância da informação contrasta com a comunicação de sentido único e seu manejo atrelado a pressupostos de uma ainda sociedade industrial, entre as quais a concentração da população e distribuição, o controle, a programação e a especialização de tarefas. (ATX, 2000, p.51)

Resgatando o processo de amadurecimento da humanidade, passando de sociedade ágrafa à sociedade letrada, com a invenção da escrita, e depois à sociedade de imprensa, e analisando seus efeitos, Axt (2000) nos observa hoje no liminar da passagem para uma sociedade da informação e comunicação apoiada por uma rede mundial de telecomunicações e mundos virtuais paralelos. E, seguindo o exemplo das outras épocas, este avanço tecnológico traz consigo características como: transformações geopolíticas e socioeconômicas, redesenhando o mapa cultura das sociedades; um processo de difusão tecnológica irreversível; seu desenvolvimento aparece como um processo de contínua ampliação, atingindo não só classes sociais ou blocos nacionais, mas uma abrangência planetária; e vantagens e desvantagens andam juntas, podendo desenvolver um controle sócio-econômico e cultural jamais visto, necessitando que a sociedade crie estratégias que neutralizem este controle, pelo processo de diálogo entre as culturas.

Axt (2000) ainda coloca que no Seminário Internacional sobre Universidade e Ciência da América Latina, realizado em novembro de 1999, que teve como participantes reitores e pesquisadores do Brasil e todo o Mercosul, além da Península Ibérica, sublinhou-se que o avanço científico-tecnológico não tem se revertido como o esperado para a melhoria da qualidade de vida da população, sendo que sua aplicação permanece restrita e, algumas vezes, tem contribuído para o aumento dos desequilíbrios sociais e regionais, da exclusão e para a degradação do meio ambiente. Desta forma, muito ainda deve ser discutido e repensado na relação entre a tecnologia e o bem estar social. A autora coloca que, para que haja contribuição revelante da tecnociência na América Latina, esta relação deve ser vista

como “[...] um processo complexo, na sua relação com a Universidade e a pesquisa, as políticas governamentais e institucionais, a sociedade e os setores produtivos.” (AXT, 2000, p. 52)

5.2 A Arte e as Novas Tecnologias

Giannetti (2006) coloca que o século XX é marcado por mudanças na visão de homem e de mundo, levando a questionamentos com relação às verdades da ciência e da cultura, dando espaço ao relativismo. Estes questionamentos começaram a surgir nos diversos campos do saber.

No campo da arte, esse relativismo se manifesta de diferentes maneiras. Podemos encontrá-lo no experimentalismo das primeiras vanguardas; nas mudanças radicais no entendimento dos processos de recepção da obra; na tendência a estabelecer nexos, relações ou reciprocidades entre os diferentes campos artísticos – sobretudo nas criações *intermídia* ou *mixed media*, intervencionistas, interdisciplinares etc. –; e na potencialização dos vínculos entre arte, ciência e tecnologia. (GIANNETTI, 2006, p. 2)

A partir dos anos 60, as pretensões academicistas e ortodoxas que buscavam manter a arte limitada, tanto da arte em relação às técnicas tradicionais e aos âmbitos restritos, quanto da estética em relação aos fundamentos ontológicos, tem sido abandonadas, e foram incorporados os chamados novos meios: a fotografia, o cinema, o vídeo e o computador, e os novos sistemas de telecomunicação: o correio, o telefone, a televisão e a Internet.

Manovich (2005) coloca que, no final da década de 1970, nos EUA e Áustria já existiam reuniões de artistas que trabalhavam com novas mídias, termo que o autor utiliza para descrever atividades artísticas baseadas no computador. Entre 1980 e 1990, foram criadas instituições dedicadas à produção e ao apoio à arte das novas mídias na Europa. Depois disso, essa forma de arte moderna, considerada um *underground* cultural, amadurece e ganha campo acadêmico e artístico estabelecido.

Media Art, arte eletrônica, dentre outros, são termos trazidos por Giannetti (2006) para representar as manifestações artísticas contemporâneas que utilizam as novas tecnologias eletrônicas, digitais e/ou de telecomunicações.

Segundo Giannetti (2006), esse campo artístico parte de algumas

premissas, que originam novas concepções: a reação contra a teoria estética centrada no objeto de arte e favorável à reflexão sobre o processo, o sistema e o contexto; a interconexão entre as disciplinas; e a redefinição dos papéis do autor e do observador.